



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

IAN MACIEL MARTINS

**BARREIRAS E DIFICULDADES ENCONTRADAS POR MULHERES PARA A
PRÁTICA DO FUTEBOL**

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

IAN MACIEL MARTINS

**BARREIRAS E DIFICULDADES ENCONTRADAS POR MULHERES PARA A
PRÁTICA DO FUTEBOL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado, na forma de artigo, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Orientador: Prof. Me. IVANILDO ALCÂNTARA DE SOUSA

**CAMPINA GRANDE - PB
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M386b Martins, Ian Maciel.
Barreiras e dificuldades encontradas por mulheres para a prática do futebol [manuscrito] / Ian Maciel Martins. - 2021.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2021.

"Orientação : Prof. Me. Ivanildo Alcântara de Sousa, Departamento de Educação Física - CCBS."

1. Mulheres. 2. Esporte. 3. Futebol. 4. Futebol feminino. I.
Título

21. ed. CDD 796.33

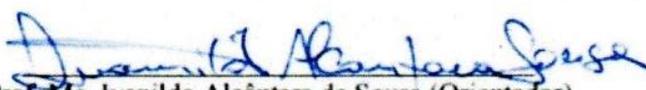
IAN MACIEL MARTINS

**BARREIRAS E DIFICULDADES ENCONTRADAS POR MULHERES PARA
A PRÁTICA DO FUTEBOL**

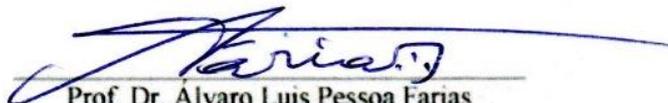
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado, na forma de artigo, como um dos
requisitos para obtenção do título de Licenciado
em Educação Física pela Universidade Estadual
da Paraíba – UEPB.

Aprovado em: 26/05/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Ivanildo Alcântara de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Alvaro Luis Pessoa Farias
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. José Pereira Nascimento Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha estrelinha no céu:
Mainha Adelaide (In Memoriam). E aos meus
pais, pois graças aos esforços deles, hoje posso
concluir o meu curso.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	REFERENCIAL TEÓRICO	7
2.1	Participação das mulheres no Esporte	7
2.2	O Futebol Feminino no Brasil	8
3	METODOLOGIA	11
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	16
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO	18

BARREIRAS E DIFICULDADES ENCONTRADAS POR MULHERES PARA A PRÁTICA DO FUTEBOL

BARRIERS AND DIFFICULTIES ENCOUNTERED BY WOMEN IN THE PRACTICE OF FOOTBALL

MARTINS, Ian Maciel*

RESUMO

O Futebol é mesmo uma paixão nacional por aqui, não é à toa que o Brasil é conhecido mundialmente como o “país do futebol”. No nosso país, a participação feminina na modalidade vem ganhando muito espaço, porém, ainda há uma disparidade enorme, quando comparado com a participação dos homens. A partir de uma discussão sobre a participação de mulheres no esporte e um breve histórico sobre Futebol Feminino no Brasil, o presente estudo tem como objetivo identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres para a prática do futebol, afim de discutir possíveis soluções para estas. Participaram da pesquisa 26 mulheres praticantes de atividade física regular. Para verificar as principais barreiras e dificuldades percebidas por mulheres para a prática do Futebol, optou-se pelo questionário proposto por Martins e Petroski (2000), porém, adaptado para a população em estudo. De acordo com os resultados encontrados, as principais barreiras percebidas foram a falta de políticas públicas que incentivem a prática do esporte, ambiente inseguro, porque sente que outras pessoas tem atitudes negativas em relação ao fato de ser mulher e jogar futebol e falta de campeonatos para a categoria. Além disso, tais resultados podem servir com referências específicas para políticas que visem a promoção da prática feminina do Futebol.

Palavras-chave: Mulheres. Esporte. Futebol. Barreiras.

ABSTRACT

Football is really a national passion here, it's no wonder that Brazil is known worldwide as the “country of football”. In our country, female participation in the sport has been gaining a lot of space, however, there is still a huge disparity when compared to the participation of men. From a discussion on the participation of women in sport and a brief history of Women's Football in Brazil, this study aims to identify the main difficulties faced by women in the practice of football, in order to discuss possible solutions for them. Twenty-six women who practice regular physical activity participated in the research. In order to verify the main barriers and difficulties perceived by women in playing soccer, the questionnaire proposed by Martins and Petroski (2000) was chosen, however, adapted for the population under study. According to the results found, the main barriers perceived were the lack of public policies that encourage the practice of sport, an unsafe environment, because they feel that other people have negative attitudes towards being a woman and playing football and the lack of championships for a category. Furthermore, such results can serve as specific references for policies aimed at promoting the female practice of football.

Keywords: Women. Sport. Soccer. Barriers.

1 INTRODUÇÃO

O Futebol é mesmo uma paixão nacional por aqui, não é à toa que o Brasil é conhecido mundialmente como o “país do futebol”. Aqui, os nomes são diferentes de região para região; há lugares que chamam de pelada, rachão, outros chamam de racha, baba, etc, mas uma coisa é certa: o brasileiro é mesmo apaixonado por “jogar bola”. Existem diferentes modalidades associadas a esse esporte, como: futebol de salão, futebol de areia, society, entre outros. Iremos nos referir a essas práticas, daqui por diante, apenas como Futebol, que englobará todas as suas modalidades como, por exemplo, as citadas anteriormente.

De acordo com dados estatísticos da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL, 2016), o Futebol feminino vem apresentando crescimento, porém, ao ser comparado com a modalidade masculina existe uma disparidade muito grande. Segundo à CONMEBOL (2016), existem mais de 30 milhões de mulheres em todo planeta praticando o esporte. Dessas, 12% são crianças e jovens. No Brasil, em conformidade com o suplemento Práticas de Esporte e Atividade Física, da Pnad 2015, o futebol foi a principal modalidade esportiva praticada no nosso país, com cerca de 15,3 milhões de praticantes. Contudo, jogar bola é uma atividade física bem mais praticada pelos homens (sendo 94,5%) do que pelas mulheres (apenas 5,5%).

No futebol, as mulheres tendem a levar um estilo de vida bem menos saudável que os homens, fato que pode ser comprovado através da análise dos dados estatísticos apresentados anteriormente. Essa disparidade entre os gêneros, segundo Goellner (2012), pode ser explicado por ainda existir várias situações de desigualdades para as mulheres, quando comparadas aos homens, sejam elas no esporte de lazer, no esporte de rendimento e também na educação escolar. Mourão (2000), afirma que “o espaço esportivo continua sendo concebido típico do homem”, contudo o número de mulheres que procuram praticar esportes, que antes eram compreendidos como práticas masculinas, como por exemplo o futebol, vem crescendo consideravelmente (Souza et al., 2017).

De acordo com Mourão (2005), o futebol feminino sofre com o chamado movimento “sanfona”, que quer dizer oscilações constantes que parecem representar uma condição de instabilidade das mulheres que praticam esse esporte. Essas oscilações podem estar atreladas a diversas barreiras tanto pessoais quanto ambientais. Fatores ambientes como a falta de espaço apropriado para prática do esporte (campos/quadras) e ambiente inseguro, podem levar à uma diminuição da prática desse esporte. Barreiras pessoais como falta de incentivo da família e dos amigos e também a questão do preconceito, podem levar às meninas a se afastarem da prática do futebol.

Através da leitura de materiais para ampliação dos conhecimentos, um em especial me chamou atenção. O artigo original “Barreiras para a prática de atividade física em pessoas com deficiência visual” (MARMELEIRA et al., 2018) elenca uma série de barreiras pelas quais deficientes físicos deixam de praticar atividade física, com base nisso, realizei algumas buscas na web sobre estudos que diagnosticavam barreiras para a prática do futebol por mulheres, e como não encontrei, resolvi realizar essa investigação, e apresentar aos leitores através deste estudo. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo principal conhecer quais as barreiras e dificuldades mais relevantes que impedem mulheres de realizar a prática do Futebol, para isso, criamos um questionário elencando diferentes barreiras, para ser respondido por mulheres praticantes de atividade física, e a partir disso realizar uma análise das respostas obtidas.

O presente estudo está organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, o referencial teórico, iniciaremos uma discussão sobre a participação das mulheres no Esporte e a prática do Futebol Feminino no Brasil, elencando ainda informações históricas sobre esse fato. Seguindo, o segundo capítulo trata da metodologia utilizada no presente estudo. Em

seguida, discutiremos sobre a análise do questionário aplicado, finalizando com as considerações finais.

1 Referencial teórico

1.1 Participação das mulheres no Esporte

A prática esportiva feminina não é novidade do século XXI, muito menos do século passado. Porém, é fato que elas foram conquistando mais espaços no âmbito esportivo a partir do século XX, quando o mundo passou por uma série de transformações econômicas e sociais, contribuindo assim para que as mulheres adentrassem nesse território visto como “ínherente” ao sexo masculino. De acordo com Goellner (2005) uma das principais razões para que as mulheres penetrassem ainda mais no cenário esportivo, foi a conquista da participação nas Olimpíadas Modernas, fato esse, que possibilitou grande visibilidade à imagem da mulher atleta.

Porém, enganam-se os que acham que essa conquista foi fácil. As mulheres só foram autorizadas a participarem dos Jogos Olímpicos Modernos apenas na sua segunda edição, em Paris no ano de 1900, sob protestos dos idealizadores, principalmente pelo seu criador, o “Barão de Coubertin”, que acreditava, entre outras coisas, que a participação da mulher (como atleta) poderia vulgarizar o ambiente tipicamente masculino. Coubertin também achava que a participação da mulher nas Olimpíadas, deveria estar restrita às arquibancadas.

Tecnicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exibir aqui e ali não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vê-las obedecem preocupações de outra espécie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetáculo, não há razão alguma para condená-los. Ver-se-á, então, o que deles resulta. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a Educação Physica dos seus filhos. (COUBERTIN, citado por GOELLNER, 2005, p.144).

À pouca participação feminina no cenário esportivo, pode estar atrelado ao fato de que, no início do século XX, a presença das mulheres em programas de atividade física, eram incentivados apenas como forma de realizar uma melhor preparação para a maternidade, fazendo com que ficassem mais fortes para desempenhar com vigor o seu papel social à época: dar à luz. Assim, os esportes para elas, deveriam ser adaptados à “natureza feminina”:

“No início do século XX, uma nova abordagem sobre o bem-estar físico das mulheres já permitia que algumas formas de atividade esportiva e exercício físico leves podessem ser consideradas benéficas para a saúde das ‘futuras mães e esposas’.” (ADELMAN, 2003, p. 446).

Por muito tempo a construção do universo feminino foi baseado na submissão ao homem e na fragilidade, fato esse que adentra no imaginário popular, levando-nos a crer que a mulher é um ser frágil, e por isso não deve praticar modalidades que requerem o uso da força, se estendendo a outras práticas, não apenas ao esporte de rendimento. Assim, essa imposição faz com que as mulheres (em sua maioria) pratiquem atividades que exigem menos esforço físico, para se adaptar aos padrões de beleza impostos pela cultura de cada região.

A partir do ano de 1900, data da segunda edição dos Jogos Olímpicos Modernos que marcou a primeira participação feminina em tais jogos, o cenário esportivo começa a ganhar novos rumos no que concerne à participação das mulheres em competições esportivas. Tal fato se dá, não por conta de políticas públicas de inclusão das mulheres no cenário esportivo, mas por conta de esforços individuais de várias mulheres e homens. Desde então, a participação feminina vem crescendo bastante, e a maioria dos esportes contam com competições para ambos os sexos.

A participação das mulheres nas Olimpíadas de Paris, em 1900, foi uma grande vitória, porém o número de participantes era insignificante, como também, as modalidades ficaram restritas aquelas consideradas belas e que não tinham contato físico entre as praticantes como, por exemplo, o tênis e o golfe (Pierro *apud* Rubio & Simões, 2007). A partir dessa edição, a presença feminina começou a aumentar, e em 1928, nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, foram liberadas a participação das mulheres nas provas de pista de atletismo e na ginástica (Pierro *apud* Pfister, 2007).

Na década de 1940 o mundo era dividido em dois grandes blocos: o capitalista, encabeçado pelos Estados Unidos da América e o socialista, liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esses países lutavam pela supremacia mundial, num conflito que ficou conhecido como Guerra Fria, onde aconteciam disputas econômicas, bélicas, ideológicas, entre outras. De acordo com Pierro (2007), essas potências utilizaram o Esporte como ‘arma’ para divulgar e propagar os seus ideais, através da conquista de títulos, medalhas e vitórias, o que contribuiu incentivando e promovendo o desenvolvimento do esporte feminino.

Ainda, em consonância com Pierro (2007), mesmo com o crescimento da participação das mulheres nos Jogos de 1950, “pressupostos médicos ainda conservavam a ideia de que poderia ser danosa a saúde da mulher provas de longa distância como a maratona”.

Mas, já na década de 1960, tais pressupostos começaram a definir, graças aos questionamentos do movimento feminista a respeito do papel social da mulher, criticando as premissas de que a mulher deveria, exclusivamente, se dedicar ao lar, à família e “cultivar a feminilidade”. A partir dessas críticas, houve uma crescente da participação das mulheres, nas atividades esportivas (Pierro *apud* Alonso, 2007).

Nos anos seguintes, a participação das mulheres continua a aumentar, e nos Jogos Olímpicos de 2000, em Sidney, o público participante feminino atinge uma marca histórica: 38,3% do total de atletas dessa Olimpíada eram mulheres. Mas, ainda assim, a cobertura midiática das modalidades femininas era irrisória (Pierro 2007).

Como vimos, a participação das mulheres no Esporte é marcada por inúmeras dificuldades e barreiras, principalmente de cunho sexista que afirmam que a mulher deve dedicar-se exclusivamente aos serviços de casa, e sua presença em atividades esportivas, muitas vezes elencadas como sendo de “natureza masculina”, é vista como afronta à sociedade. Em meio a tais dificuldades, destacam-se as lutas dos movimentos sociais para mudar tais atitudes, que ainda hoje persistem em continuar. E, apesar dos avanços, no que tange a participação feminina no Esporte, ainda tem muito caminho a conquistar.

A última edição dos Jogos Olímpicos Modernos, que aconteceu no Rio de Janeiro em 2016, contou com a participação de 5.200 atletas mulheres (que corresponde a 45,61%), número que não igualou ao contingente masculino, já que o total era de 11.400 participantes. Sendo assim, é de extrema importância enfatizar que “o esporte pertence a todos, sendo parte da criação humana e deve ser praticado por homens e mulheres para que se desenvolva plenamente (Pierro *apud* Park, 2007)”.

1.2 O Futebol Feminino no Brasil

De acordo com Darido (2002), não se sabe ao certo quando as mulheres começaram a jogar Futebol no Brasil. Salles, Silva e Costa (1996), analisando uma matéria do Jornal do Brasil de 29/11/76, "sugerem que as primeiras partidas de futebol feminino na praia foram jogadas no Leblon, no mês de dezembro de 1975, sempre tarde da noite em função das jogadoras serem empregadas domésticas". Em contrapartida, "a Revista Veja (Flores...1996, p. 72-73) traz uma matéria afirmando que o futebol feminino teve seu início marcado por jogos organizados por diferentes boates gays no final da década de 70. Ainda, referente ao início do Futebol Feminino no país "o jornal (Brasil...1996, p.5) revela que o futebol feminino esteve relacionado a peladas de rua e a jogos beneficentes", onde a primeira partida ocorreu no Estádio do Pacaembu em 1959.

Ainda conforme Darido (2002), a institucionalização (quando a modalidade passa a ter um regulamento específico) do Futebol Feminino, iniciou-se apenas em meados da década de 1980. E que a primeira liga da modalidade foi fundada em 1981 na cidade do Rio de Janeiro, com campeonatos seguintes patrocinados por diferentes empresas privadas.

O esporte feminino sofre rejeições e preconceitos desde o seu primórdio, tanto no Brasil, quanto no mundo. Houve uma época em que as mulheres eram impedidas de participar de competições esportivas (não apenas do Futebol), sob o discurso de que essas práticas não condiziam com a natureza feminina, ligadas a questões de maternidade e também de cunho preconceituoso, onde muitas pessoas tinham a falsa visão de que a prática esportiva diminuiria a feminilidade da mulher.

Na década de 1940, o Brasil vivia uma tensão acerca da relação entre mulheres e atividades físicas, em que a participação feminina em várias modalidades, passava por um movimento de cerceamento, chegando até ser proibido por um Decreto Lei, como escreveu Goellner:

"Em 1941, o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento¹ que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades, tais como as lutas, o boxe, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo e o pentatlo; outras foram permitidas, desde que praticada dentro de determinados limites. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou, a Deliberação no. 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, "rugby", halterofilismo e "baseball". (GOELLNER, 2005, P. 145).

Conforme Martins e Morais (2007), "além das questões legais, as questões sociais também contribuíram para a rejeição da prática deste esporte pelas mulheres, pois sempre houve certo preconceito em relação às praticantes", pois, de acordo com o padrão social e de beleza, a mulher não pode ser musculosa, "atletica", assim sendo, ela era compreendida como masculinizada.

Com isso, devido à grande quantidade de barreiras e dificuldades impostas pela sociedade, a participação da mulher no Esporte era mínima e bem difícil. Especificando para a prática do Futebol, a ausência das mulheres não é diferente (até nos dias atuais), muitos são os argumentos para tentar explicar esse fenômeno, como afirma Goellner (2005, p. 143):

A aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e as lutas.

Ainda de acordo com Goelner (2012), “No Brasil, essa restrição não se deu de modo diverso e, apesar das mulheres vivenciarem o esporte desde os seus primórdios, nem sempre foram incentivadas a nele se inserir.”

Segundo Furlan e Santos (2008, p. 29), “A diferença entre os gêneros perpassa a construção sócio-cultural dos costumes, condutas e normas do ser humano, considerando-se a dimensão biológica e a cultural”. Assim, é necessário que haja uma reflexão sobre as questões de gênero no Futebol, para tentar entender o porquê da existência de uma disparidade tão grande quanto ao número de atletas do gênero feminino, comparado ao masculino.

Goelner (2005) destaca que “ainda que as mulheres brasileiras tenham praticado o futebol já nos primórdios do século XX, é evidente que essa participação foi significativamente menor que a dos homens”, resgatando assim a prática feminina do Futebol desde o século XX, mas deixando claro que, em comparação com a prática pelos homens, sempre houve uma grande disparidade, e que, ainda nos dias atuais, de acordo com Pnad (2015, citado pelo IBGE 2017), “bater bola é uma atividade mais praticada pelos homens (94,5%) do que pelas mulheres (5,5%)”.

Diversos são os fatores encontrados para explicar um número tão baixo de praticantes do Futebol Feminino e, essa disparidade se torna ainda maior se acompanharmos a negligência da sociedade em geral (escola, família, mídia, entre outros) para com o Futebol, fato esse que Martins e Moraes (2007) confirmam:

Em todos os níveis de prática do futebol, podemos identificar o preconceito, a diferença, o descaso e suas consequências na formação do imaginário social do papel da mulher, particularmente, quando o assunto é futebol feminino. Basta acompanhar os investimentos, a organização, as escolinhas ou o tratamento dado pela mídia para identificarmos a diferença (MARTINS, L. T.; MORAES, L, 2007, P. 72).

A CBF (Confederação Brasileira de Futebol), entidade máxima do Futebol no Brasil, organizou pela primeira vez um Campeonato Brasileiro Feminino somente no ano de 2013, mesmo o esporte sendo jogado há mais de 100 anos no país. Mesmo com essa disparidade, a criação desse campeonato foi um grande avanço para o esporte, e hoje, o calendário do Futebol Feminino conta também com a segunda divisão do Brasileiro, e também com competições de base, nesse caso, o Campeonato Brasileiro Sub-18.

Não diferente do Brasil, no resto do mundo a criação de campeonatos femininos importantes também é bastante recente. A primeira competição Mundial de Futebol Feminino organizada pela FIFA (Federação Internacional de Futebol), entidade máxima do Futebol no mundo, foi no ano de 1991, em que a seleção norte-americana sagrou-se grande campeão do torneio, que contava com doze equipes participantes. Após isso, a competição foi remodelada, e atualmente participam da competição dezesseis equipes.

Quando falamos de Olimpíadas, o Futebol Feminino só estreou como esporte olímpico na competição disputada em Atlanta, no ano de 1996. Desde então a seleção brasileira de futebol feminino é destaque nessa competição.

Outras competições importantes disputadas por mulheres são a Copa do Brasil, criada em 2007 pela CBF; a Copa Libertadores Feminina, fundada em 2009 pela CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol); a Copa América, também criada pela CONMEBOL e que é disputada de quatro em quatro anos, dando vaga na Copa do Mundo FIFA.

O Brasil é o país do Futebol e nossa seleção masculina possui nada menos que cinco campeonatos mundiais. Porém, é de uma mulher o recorde brasileiro de ter sido eleita mais vezes a melhor jogadora do mundo. Marta Vieira da Silva, conhecida como Marta atua como meia-atacante e já recebeu o maior prêmio individual do Futebol seis vezes. Marta começou a jogar futebol profissionalmente no ano de 2000 na equipe do Vasco, atualmente atua nos Estados Unidos, na equipe do Orlando Pride, além de defender a seleção brasileira.

Com o passar dos anos, nossa sociedade já evoluiu bastante no quesito ‘respeito às diferenças’, porém ainda temos uma caminhada longa a trilhar para que possamos erradicar de vez as barreiras do preconceito e acabar com as disparidades de gênero na prática do Futebol, mas também de todos os outros esportes, assim achamos necessário que as instituições formadoras, como é o caso da família e da escola, caminhem de mãos dadas em um projeto que venham a impedir que barreiras para a prática do Futebol Feminino aconteçam.

É necessário também que as jogadoras de Futebol recebam apoio, institucional, das ligas, das Federações, e também da mídia, para que assim a população conheça, aprecie e valorize o Futebol Feminino, gerando assim as mesmas oportunidades para meninas e meninos, fazendo com que novas gerações cresçam sem exclusão, preconceito e, principalmente, tratamento diferenciado.

3 METODOLOGIA

Após a explanação, da participação das mulheres no Esporte e na prática do Futebol Feminino no Brasil, através de uma revisão de Literatura, percebemos como foi longo e árduo o caminho para que as mulheres tivessem seus direitos respeitados e pudessem participar de ligas e competições dos mais variados esportes, mas, destacamos também que ainda tem um longo caminho a percorrer para dar mais visibilidade ao Futebol Feminino. Partindo do que foi exposto, esse estudo tem como principal objetivo, identificar as principais dificuldades enfrentadas pelas mulheres para a prática do futebol, afim de discutir possíveis soluções para estas. Para isso, foi elaborado um questionário de múltipla escolha contendo 14 perguntas e três opções de respostas – para cada pergunta, sendo elas: “nunca”, “algumas vezes” e “muitas vezes”. As perguntas para o questionário foram as seguintes:

- 1- Falta de orientação específica de um profissional de educação física;
- 2- Preconceito/machismo;
- 3- Falta de habilidade física e/ou motora;
- 4- Falta de políticas públicas que incentivem a prática;
- 5- Ambiente inseguro;
- 6- Falta de incentivo da família e amigos;
- 7- Dificuldade de conciliar o horário de trabalho/escola com a prática do esporte;
- 8- Porque sente que outras pessoas tem atitudes negativas em relação ao fato de ser mulher e jogar futebol;
- 9- Falta de prazer no esporte;
- 10- Problemas de saúde;
- 11- Falta de campeonatos para a categoria;
- 12- Companheiro(a), amigos ou parentes não aceitam a prática deste esporte;
- 13- Falta de vivências anteriores com a modalidade;
- 14- Não oferta desse esporte nas escolas ou nos campos/quadras;

Para fins quantitativos e de interpretação, quando a pergunta foi respondida como “muitas vezes” quer dizer que é realizado de forma frequente e repetida, sem quantidade determinada. No caso da resposta ser “algumas vezes” significa que acontece ocasionalmente, de vez em quando e/ou em alguns momentos ou situações. Já, quando a resposta for “nunca”, implica dizer que em hipótese alguma, jamais, de jeito nenhum, isso ocorreu.

Destaco que a elaboração desse questionário se deu a partir de um levantamento de perguntas que fazem parte da realidade de muitas mulheres no Brasil, e que, a partir dele poderemos identificar quais são os problemas mais relevantes, possibilitando que novos estudos mais específicos surjam, a fim de que desenvolver mecanismos que possam eliminar tais barreiras/dificuldades.

Para tal estudo, o método de pesquisa que utilizamos é o de campo que, segundo Fonseca (2002), “caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)”.

Acreditamos ser de fundamental importância, apoiarmo-nos em abordagens teóricas bem fundamentadas, ou seja, embasar o nosso trabalho em importantes referências, para um aproveitamento imprescindível do estudo. Assim, para elaboração do estudo, fez-se necessária pesquisas bibliográficas, bem como análises de informações recolhidas de livros, artigos científicos, documentos, revistas, entrevistas, entre outros meios. Para Gil (2002, p. 44), “os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema”.

A realização do questionário é segundo Parasuraman (1991), um conjunto de questões realizadas com o intuito de levantar dados acerca de um determinado tema, com o objetivo final de propiciar respostas para o projeto.

Para a aplicação do questionário recorreremos ao software do Google, – o Google Forms – o qual possibilitou a construção, e uso de um link, que foi enviado às participantes através de duas redes sociais, o Instagram e o WhatsApp.

Em um primeiro momento, tínhamos definido que pretendíamos atingir um número mínimo de 50 participantes, porém, esse número não foi possível, e conseguimos ao todo 26 respostas no nosso questionário, ou seja, aplicamos com 26 mulheres, estas praticantes de atividade física regular, independente de idade e qual esporte e/ou atividade pratique. Além de ser mulher e praticar atividade física regularmente, caso não respondesse o questionário completo, seria excluída da pesquisa.

Ao acessar o link do questionário, criado pelo Google Forms, os indivíduos que participaram, encontraram o Temo de Consentimento Livre e Esclarecido e só deu prosseguimento à pesquisa, aquele participante que selecionou a opção: “Sim, aceito participar voluntariamente da pesquisa”. Logo em seguida, o participante respondeu as perguntas do questionário.

Os resultados do questionário estão disponíveis no próximo capítulo, intitulado de “Discussão”. Para analisar as respostas ao questionário, adotamos uma escala de pontuação ordinal, adaptada de Petroski e Martins (2000), com os seguintes itens: muitas vezes (2), algumas vezes (1), nunca (0), pois, para eles “esta escala permite avaliar quantitativamente a percepção de barreiras, assim como a importância de cada barreira, separadamente”.

Ainda, em consonância com Petroski e Martins (2000), “a percepção de barreiras é dada pela soma de pontos obtidos após o preenchimento do quadro (mínimo 00, máximo 28 pontos). Pode ser também quantificada pelo número de barreiras citadas nos itens “muitas vezes” ou “algumas vezes”, pois desta forma representam barreiras importantes, presentes no dia-a-dia do indivíduo. Finalmente, para uma barreira ser considerada “importante”, é necessário que seja indicada como uma barreira que “muitas vezes” ou “algumas vezes” representa um fator dificultador da prática”, ou seja, prática do Futebol por mulheres.

Para o efetivo cumprimento dos direitos e garantias individuais dos participantes da pesquisa, a mesma está em concordância com a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, que garante a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos, além de ser garantido também o sigilo dos resultados obtidos no trabalho, assegurando a privacidade dos participantes em manter tais resultados em caráter confidencial, em IV – DO PROCESSO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, (Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012.)

Por envolver seres humanos, nossa pesquisa obedeceu aos fundamentos éticos, em III - DOS ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS, (Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012), bem como o respeito ao participante da

pesquisa, em sua dignidade e autonomia, e também foi ponderado os riscos e benefícios a ele atribuídos, além disso, deixamos o participante ciente da relevância social de estar participando da nossa pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir das respostas obtidas no questionário das barreiras enfrentadas por mulheres para a prática do Futebol, é possível perceber quais os principais fatores que as impedem de praticar um esporte tão popular no Brasil, mas, ao mesmo tempo, longe da realidade de muitas mulheres.

Entre os 14 fatores dificultantes para tal prática, os quatro mais citados como barreiras foram: *falta de políticas públicas que incentivem a prática do esporte, ambiente inseguro, porque sente que outras pessoas tem atitudes negativas em relação ao fato de ser mulher e jogar futebol e falta de campeonatos para a categoria*, sendo que o primeiro é citado em maior proporção pelos participantes, tornando-se assim a principal barreira.

Outro evento que chama bastante atenção, é o fato de que mais de 88% das participantes do estudo, apontaram que muitas vezes foram/são impedidas de jogar Futebol, porque sentem que outras pessoas tem atitudes negativas em relação ao fato delas serem mulheres e quererem “jogar” Futebol.

Ainda de acordo com os resultados da pesquisa, duas barreiras específicas chamam atenção por terem citadas pela metade das participantes como motivos que não as impedem de praticar Futebol, são elas: *problemas de saúde e companheiro(a), amigos ou parentes não aceitam a prática deste esporte*. A primeira, ainda, destaca-se por ter sido respondida com “algumas vezes”, o que cabe à interpretação dizer que os problemas de saúde quase nunca impedem essas mulheres de praticar o Futebol.

Por fim, a barreira que também merece destaque no presente estudo é a “*não oferta desse esporte nas escolas ou nos campos/quadras*”, onde, menos de 4% das mulheres responderam que nunca tiveram esse tipo de problema, e mais de 96% relataram que essa barreira às impedem de jogar Futebol “muitas vezes” e “algumas vezes”.

O presente estudo, sobre as barreiras/dificuldades para a prática do Futebol Feminino, é de grande importância por possibilitar a identificação de vários fatores que contribuem para a não participação das meninas nesse esporte tão querido pelo povo brasileiro, além disso torna mais eficaz a busca por meios e métodos de diminuir ou erradicar de vez essas barreiras existentes.

As barreiras mais citadas pelas participantes da pesquisa foram a falta de políticas públicas que incentivem a prática do esporte, ambiente inseguro, por sentir que outras pessoas tem atitudes negativas em relação ao fato de ser mulher e jogar futebol e a falta de campeonatos para a categoria, sendo que o primeiro é citado em maior proporção pelos participantes (80,8%; “Muitas vezes”), tornando-se assim a principal barreira. Convém ressaltar que, as participantes desse estudo, praticam atividade física regular, participando de diferentes modalidades esportivas e também em múltiplos espaços.

Iniciando a nossa análise, quando questionadas se a falta de orientação específica de um profissional de Educação Física é uma barreira que impossibilita a prática do Futebol, 46,2% das participantes responderam que sim, “muitas vezes” e 46,2% responderam que “algumas vezes”, ocasionalmente; e ainda, 7,7% das participantes, responderam que não é uma barreira. O Futebol é um esporte tradicional e popular no Brasil, e muitas vezes, fácil de ser praticado, bastam ter os atletas suficientes para formarem as equipes, um local adequado e uma bola, para a partida acontecer. Mas, é verdade também, que para garantir a integridade física dos participantes, bem como o cumprimento das regras e o andamento “ideal” da partida, faz-se

necessário um profissional de Educação Física por perto, ademais se essa partida objetiva o ingresso em alguma competição, ou mesmo, a prática por lazer.

Dando continuidade ao nosso estudo, a segunda pergunta questionou se a barreira do preconceito/machismo foi um fator o qual impediu que as mulheres praticassem o Futebol, e, como resposta, 46,2% das participantes responderam que sim, “muitas vezes” – frequentemente –, e 46,2% responderam que “algumas vezes”, ocasionalmente; e ainda, 7,7% das participantes, responderam que não é uma barreira. No decorrer do estudo foi discutido que o preconceito e o machismo esteve presente no âmbito do Futebol Feminino desde o seu primeiro jogo, com explicações que diziam que o Futebol é um ambiente inerente ao homem, e que a mulher deve cuidar da casa e dos filhos. As respostas para essa questão, deixam evidente que o problema persiste até os dias de hoje, e que é necessário a criação de meios que exterminem tais preconceitos.

Quando questionadas se a falta de habilidade física é um fator que impede a prática do Futebol, 50% das mulheres responderam que acontecem raramente – “algumas vezes” – outras 34,6% responderam que sim, “muitas vezes”, e 15,4% responderam que isso não é uma barreira impeditiva. O fato de 84,6% das mulheres terem respondido que a falta de habilidade às impedem de jogar Futebol, pode estar atrelado à cultura. Cultura essa que é desigual, no que concerne, às oportunidades dadas a meninas e meninos, com relação às brincadeiras na infância. Desde pequenos os meninos são incentivados a correrem na rua, soltar pipa, jogar futebol, por outro lado, as meninas brincam de bonecas e casinha, e raramente saem à rua para brincar, muitas vezes por se tratar de um “ambiente perigoso para a menina”.

À falta de políticas públicas que incentivem a prática do esporte foi elencada como barreira para a prática do Futebol, como “muitas vezes”, ou seja, frequentemente, por 80,8% das participantes, além disso, as outras 19,2% elencaram como “algumas vezes” - não é sempre, mas acontece de ser um fator impeditivo. Esse resultado nos confirma que o país não apoia, como deveria, a prática do esporte feminino. A criação de políticas públicas visando a melhoria na estrutura e no funcionamento de clubes, escolas e escolinhas esportivas - buscando oferecer às meninas que buscam o esporte - melhores oportunidades ajudaria na diminuição (ou mesmo erradicação) de tal barreira.

As participantes também foram questionadas se o ambiente inseguro era um fator impeditivo para a prática do Futebol. 53,8% responderam que sim, “muitas vezes”, 34,6% responderam que nem sempre, mas “algumas vezes” a insegurança é uma barreira à prática do Futebol, e ainda 11,5% responderam que não, “nunca” tiveram problema com ambiente inseguro.

Questionamos também se a falta de incentivo da família e/ou dos amigos é uma barreira que impede às mulheres de praticarem o Futebol, como resposta, 50% disseram que “muitas vezes”, outras 34,6% responderam que “algumas vezes” e, por fim, 15,4% responderam que isso “nunca” foi uma barreira. O futebol é um “esporte de contato”, e por isso, muitas vezes, os pais reprovam à prática pelas suas filhas, pela explicação de que é um esporte violento e pode ocasionar diversas lesões, mas, sabemos que tal reprovação também acontece devido ao preconceito cultural existente, que reproduziu por muitos anos que o futebol “não é coisa de mulher” e que as mulheres devem “cuidar de suas casas e suas famílias”.

Quando questionadas se a dificuldade de conciliar o horário de trabalho/escola com a prática do esporte era uma barreira, 42,3% responderam que “muitas vezes”, 50% das participantes responderam “algumas vezes” e 7,7% responderam que “nunca” foi um problema.

Dando continuidade aos questionamentos, perguntamos se era uma barreira para a prática do Futebol sentir que outras pessoas tem atitudes negativas em relação ao fato de ser mulher e jogar futebol, 61,5% das meninas responderam que sim, “muitas vezes”, enquanto

que 26,9% responderam “algumas vezes” e outras 11,5% responderam “nunca” terem tido esse tipo de problema.

A falta de prazer no esporte foi elencada como barreira frequente, ou seja, “muitas vezes”, por 3,8% das participantes; já 65,4% responderam que isso ocorre raramente – “algumas vezes” –, e 30,8% relataram que “nunca” foi uma barreira, ou seja, não sentem falta de prazer em praticar Futebol.

Ainda, questionamentos se problemas de saúde são barreiras que impedem à prática do Futebol, e, 50% das meninas responderam que não – “nunca” – e, as outras 50%, responderam que “algumas vezes” esses problemas podem impedir à prática.

Outro questionamento que não poderíamos deixar de fora foi a falta de campeonatos para a categoria (futebol feminino), ser entendido com uma barreira para a prática do Futebol. Como resposta, 69,2% das participantes informaram que sim, “muitas vezes” não se organiza campeonatos para a categoria, 26,9% responderam que “algumas vezes” isso é uma barreira, por fim, 3,8% responderam que não tiveram problema – “nunca” –, com tal questionamento.

Quando questionadas se companheiro(a), amigos ou parentes não aceitam a prática deste esporte, 23,1% responderam que sim, “muitas vezes”, outros 26,9% responderam “algumas vezes” e 50% das participantes responderam que não, isso “nunca” foi problema.

Muitas mulheres nem sequer tiveram contato com o Futebol, por isso, achamos necessário questionar também se a falta de vivências anteriores com a modalidade é uma barreira que impedem de jogar Futebol, e, 50% das participantes responderam que “muitas vezes”, outras 26,9% responderam “algumas vezes”, enquanto que 23,1% das participantes responderam que a falta de vivência com o Futebol Feminino não impede/impediu de praticar essa modalidade.

Por fim, questionamos às participantes se o fato do Futebol Feminino, não ser ofertado nas escolas quadras/campos (ambientes apropriados para a prática esportiva no geral), é uma barreira que impede a prática, 50% responderam que sim, “muitas vezes”, outras, 46,2% responderam “algumas vezes” e 3,8% disseram que “nunca”. Para tentar erradicar tal barreira, faz-se necessários que os professores de Educação Física e à Escola, sirvam de agentes transformadores dessa realidade, intervindo assim para melhorar a forma como expõem os temas, relacionados à prática esportiva feminina, aos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa e o estudo sobre as principais barreiras e dificuldades encontradas por mulheres para a prática do Futebol é uma tentativa de levantar os motivos que corroboram para uma disparidade no tocante ao número de praticantes de Futebol homens e mulheres, a fim de contribuir positivamente com referências que sirvam de base para a criação e/ou modificação de políticas que visem a promoção da prática feminina do Futebol.

Acreditamos que nosso estudo poderá auxiliar alunos, professores e pesquisadores a encontrarem formas de aumentar a participação feminina no Futebol, seja na escola, nos campinhos de várzea ou mesmo no esporte profissional. Ao discorrermos sobre a história do esporte feminino ao longo dos anos e da prática do Futebol feminino no Brasil, queremos proporcionar aos leitores o caminho de dificuldades enfrentadas pelas mulheres até os dias atuais, afim de que possam, de alguma forma, contribuir com a modificação do status quo e viabilizar à participação das mulheres no Futebol.

Compreendendo a realidade atual do Futebol Feminino, podemos concluir que apesar dos inúmeros avanços alcançados pelas mulheres no que se refere à participação, engajamento e apropriação do esporte, elas ainda têm um caminho longo até chegar ao ponto que estejam em equidade com os homens na prática do Futebol.

Concluimos também que a principal barreira enfrentada pelas mulheres, é a falta de políticas públicas que incentivem a prática de tal esporte. E que outras dificuldades como ambiente inseguro, atitudes negativas de terceiros com relação a prática feminina de Futebol e falta de campeonatos para a categoria, também corroboram com a baixa participação desse público no Futebol.

Acreditamos ser dever de toda a sociedade contribuir com a diminuição, ou até mesmo erradicação, de todas as barreiras. Devem ser adotadas medidas apropriadas para promover a saúde, a equidade de direitos e o bem-estar dessa população, no que tange sua participação no Futebol. Tais medidas têm de favorecer Escolas, escolinhas esportivas e clubes profissionais, visando melhorar a estrutura e o funcionamento de tais entidades.

Para finalizar, acreditamos também que os professores de Educação Física devem servir de agentes transformadores dessa realidade, principalmente buscando maneiras de intervenção que minimizem as práticas excludentes e possibilitem a equidade de gênero. Ademais, faz-se necessário que autoridades esportivas viabilizem a participação das mulheres em ligas e campeonatos com premiações equivalentes à dos homens. Dessa forma, estaríamos contribuindo – e muito – para a erradicação das barreiras encontradas por mulheres para a prática do futebol.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, Mirian. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 360, p. 445-465, jul. /dez. 2003.

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol feminino no brasil: do seu início à prática pedagógica**. Motriz, 2002.

FONSECA, João José Saraiva **da. Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.

Futebol é paixão nacional. **Retratos – a revista do IBGE**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/99824c28d40d5c38987a16ba9dacc487.pdf>. Acesso em: 28 de outubro de 2020.

Ganhando espaço no Brasil e no mundo. **Confederação Brasileira de Futebol**, Brasil, 24 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/somos-futebol/ganhando-espaco-no-brasil-e-no-mundo>>. Acesso em: 28 de outubro de 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELNNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios**. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Ano II, número 4. Brasília, 2012.

GOELNNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp. São Paulo. 2005

MARTINS, A. **Marketing research**. 2. ed. Boston: Addison Wesley Publishing Company, 1991.

MARMELEIRA, José Francisco Filipe et al. **Barreiras para a prática de atividade física em pessoas com deficiência visual**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, vol.40, n.2, pp.197-204, fev. 2018

MARTINS, M. O.; PETROSKI, E.L. **Mensuração da percepção de barreiras para a prática de atividades físicas: uma proposta de instrumento**. Rev Bras Cineantropom Desemp Hum. 2000;2(1):58-65.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata**. Pensar a prática. 10/1: 69-81, jan./jun. 2007.

MOURÃO, Ludmila. **As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

PIERRO, Carla Di. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do ironman. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. Dezembro, 2007.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Questionário adaptado de Martins, e Petroski (2000):

Com que frequência os motivos que selecionamos a seguir a impedem de praticar o futebol: "NUNCA", "ALGUMAS VEZES" ou "MUITAS VEZES"?

- 1- Falta de orientação específica de um profissional de educação física:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 2- Preconceito/machismo:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 3- Falta de habilidade física e/ou motora:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 4- Falta de políticas públicas que incentivem a prática do esporte:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 5- Ambiente inseguro:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 6- Falta de incentivo da família ou amigos:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 7- Dificuldade de conciliar o horário de trabalho/escola com a prática do esporte:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 8- Porque sente que outras pessoas tem atitudes negativas em relação ao fato de ser mulher e jogar futebol:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 9- Falta de prazer no esporte:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 10- Problemas de saúde:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 11- Falta de campeonatos para a categoria:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 12- Companheiro(a), amigos ou parentes não aceitam a prática deste esporte:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 13- Falta de vivências anteriores com a modalidade:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES
- 14- Não oferta desse esporte nas escolas ou nos campos/quadras:
 NUNCA ALGUMAS VEZES MUITAS VEZES

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que segurou na minha mão e me fez caminhar até chegar aqui. Agradeço também às pessoas mais importantes da minha vida: minha mãe, Alane, um exemplo de mulher guerreira e dedicada, que sempre fez e faz o possível e o impossível pela felicidade dos seus filhos, e que me ajudou na escolha pelo curso de Educação Física, além do que me proporcionou todas as condições para concluir a graduação; ao meu pai, “Neto”, que sempre foi um grande amigo e companheiro, me ajudando e apoiando; ao meu irmão, Anry, que está sempre do meu lado e me seguiu na profissão;

À minha esposa, Andreza, que segura na minha mão e não me deixa desistir, me apoiando em todas as empreitadas, “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, por todos os dias da minha vida”.

A todos os professores do Departamento de Educação Física da UEPB, que foram pontes de luz contribuindo com conhecimento e amor à profissão.

Agradecimento especial ao professor Ivanildo, que me ajudou muito desde o início da graduação, sendo também o meu orientador nesse estudo, me atendendo sempre em todos os momentos de dúvidas.

Aos meus familiares mais presentes, que sempre torceram por mim e me incentivaram: mãe “Birunda”, vovô “Tidinho”, vovô “Capiba”, tia Aline, tio Messias, madrinha Nilda.

Aos meus amigos mais antigos lá de Taperoá-PB, e também aos mais novos de outros lugares.

Aos amigos conquistados durante esses anos de DEF/UEPB, que foram muito importantes para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Especialmente à minha turminha de estágios e lanches nas cantinas.

Aos eternos grupos: “Grupo de Estagiários” e “Escola”, pessoas sábias e de grande coração, sempre prontos para ajudarem uns aos outros, que estiverem comigo em todos os momentos, da alegria à tristeza. Devo-lhes muito, mas tenham certeza que os levarei para toda à vida.

Às meninas/mulheres que participaram da minha pesquisa.

Aos amigos que conquistei em todos os lugares que trabalhei e estagiei durante o período da graduação, que contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Muito obrigado por tudo, de coração.